

CALDEIRA FILHO, João C. Carlos Gomes: no 50º aniversário do seu fale-
cimento. O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 dez. 1946.

CARLOS GOMES

(No 50.º aniversário do seu falecimento)

0 1919
Estado

JOÃO C. CALDEIRA FILHO

10/12/46

A morte de Carlos Gomes, cujo cinquentenário se comemorou a 16 de setembro de 1946, ocorreu em plena evolução do seu talento criador. O seu desaparecimento marca a interrupção, não só da sua produção, cuja linha ascensional não foi ainda estudada com a profundidade que merece, como também a da existência da obra entre nós.

O ano do seu nascimento, 1836, é o da morte da Malibren. A fatalidade de um acidente fez calar uma das mais raras vozes que o mundo conheceu. Silenciada esta, outra surgia nos rincões do Novo Mundo, agora como criadora; a inspiração de Carlos Gomes, intrinsecamente voltada para o teatro lírico-dramático. No ano anterior morrera Bellini e nasceram, entre outros, Cesar Cui e Mussorgsky, que dariam o impulso inicial à escola russa, com a coesão e a força necessárias para a sua vitalidade e permanência históricas; Saint-Saens, ilustrador do poema sinfônico e um dos fixadores da clareza da linguagem musical da França, e Wieniawsky, grande mestre do violino. No ano seguinte nasceram Balakirew, outro grande nome da escola russa, e Cosima, filha de Liszt e esposa de Wagner, figura varonil, equilibradora da personalidade do grande romantico. Não deixa de ser interessante notar os destinos diversos dessa pleiade de artistas e, principalmente, os rumos tão distintos das respectivas atividades, as quais imprimiram nova feição à música do século passado, em cujo decurso o Romantismo realiza o seu ciclo evolutivo. Em 1896 desapareceu Carlos Gomes. No mesmo ano morreram Bruckner e Clara Schumann. Brahms viveria até o ano seguinte e Verdi, o grande modelo do teatro italiano, sobreviveu cinco anos ao nosso glorioso patriota. Morrem os artistas, mas a criação continua, assumindo as feições diversas peculiares aos sucessores em função da época e do meio. A morte de Carlos Gomes interrompeu o surto da obra no Brasil, com ele próprio iniciado. Mas, de certo modo, infim. Acentua-se a molestia que o vinha torturando e que afinal o

entre outras distinções, ser contemplado com uma pensão para estudar na Europa durante quatro anos. Fixou-se em Milão (1883), diplomando-se em 1886. E afinal chega o ano de 1870, em que apresenta triunfalmente, no "Scala", a sua primeira grande obra "O Guarani". Vem ao Brasil, é triunfalmente recebido nas cidades que visitou, e no ano seguinte regressa à Europa, para composição de "Foscari", levada em 1873, e que lhe valeu novo triunfo. Em 1874 apresenta "Salvador Rosa", cuja composição decorreu em meio a numerosas preocupações, como dificuldades financeiras e pedido de nova pensão, afinal conseguida por intervenção de Emanuele Taubay. Em 1879 aparece "Maria Tudor", cuja estréia tempestuosa, foi largamente compensada pelo triunfo da segunda representação o que não impediu guardasse o maestro doloroso ressentimento da incompreensão inicial. Chegou a adoecer por isso, e regressa ao Brasil em 1880, vivam cheia de agradáveis recordações dos êxitos e homenagens que então se deram. Volta à Europa, e em 1882 nova viagem de ida e volta. Conclui "O Escravo" em 1887; vem ao Brasil em 1889 para a representação dessa obra, levada a 27 de setembro, no Rio. Em Campinas surpreende-o a proclamação da República, o que para ele deveria significar principalmente o banimento injusto do grande protetor. De novo parte para a Europa, apresenta "Condor" em 1891, no "Scala", tendo sido a obra recebida como de autoria de mestre consagrado definitivamente. Mais tarde vem ainda ao Brasil; parte para os Estados Unidos, onde participa da parte musical da Exposição de Chicago em 1893. Vai a Milão, a Lisboa, e em 1895 encontra-se no Pará em organização de espetáculos líricos. E' então nomeado diretor do Conservatório local. Antes de ali fixar-se definitivamente, vai ainda à Europa para regularizar negócios de família. Regressa em 1896. Mas já estava no fim. Acentua-se a molestia que o vinha torturando e que afinal o

rebate à vida aos 15 de setembro. Tal é, em rápidas linhas, a biografia, hoje tão divulgada, do grande compositor. Resume-se ela afinal nos estudos iniciais no Rio, continuação em Milão, triunfos definitivos e viagens da Itália ao Brasil e vice-versa. E' um valerem constante que, artisticamente, nada explica, não ministra notícia alguma substancial, essencial, referente à sua personalidade. Após a leitura de tais relatos, fica a impressão de que afinal ele passou por aqueles tramites a que estão sujeitos todos os que realizam algo grande no cenário do mundo. E' que, como todos os grandes homens, ele possui duas biografias: a exterior ou objetiva, concretizada nos episódios varios que entrecem as relações entre o individuo e a sociedade, e a subjetiva ou interior, em que se processa a formação da personalidade e a evolução artística e que, não obstante o conhecimento minucioso da primeira, permanece sempre obscura, misteriosa, oculta na zona do ser que cada um guarda para si, objeto das meditações solitárias, dos sonhos, das esperanças. Esta a verdadeira biografia dos homens, grandes ou pequenos, gloriosos ou humildes, triunfantes ou fracassados. Como se teria processado esta vida interior do artista? Tanto quanto se sabe, a consciencia de forte vocação e de intensa tendencia realizadora levou-o a lutar para realizar-se. E' tudo. Permanecem na penumbra a sua concepção de obra, a possível hesitação entre os varios generos, o problema da opera nacional e tantos outros aspectos tecnicos e artisticos que se revelam na evolução de todos os genios. Em

Carlos Gomes vemos apenas o poder criador espontaneo, o seu contacto com o meio adequado, e a reação imediata, necessaria: a criação de obras de notavel valor. E' um explodir de talento criador, da capacidade realizadora, subito, embora não inesperado. E' um vulcão isolado na cordilheira silenciaosa. 1912

E' exato terem sido notados objetivamente nos textos das suas operas alguns traços dessa biografia intima, reflexos da personalidade e da evolução artistica. Mas tal indução resume-se a estabelecer a curva geral da evolução, do exterior para o interior, do espetáculo para o drama, na direção de Monteverdi, de Gluck, de Wagner. Por outro lado, embora estudada a sua produção e determinada a evolução do artista, fica aquela sempre um conjunto isolado, sem relação com a criação operistica brasileira. Figura excepcional, continua como exceção, porque outros não surgiram a seguir naquele genero. Daí a impossibilidade de ser sistematizado um movimento nacional de criação lírico-dramático. Hoje, como naquele tempo, estamos na mesma: a obra de musico brasileiro é produto acidental. 1910

O aparecimento inexplicavel de tal genio entre nós parece desmentir a idéa de que só uma larga educação sedimentadora de bases culturais permite o aparecimento dos genios. Aquil, num meio não preparado, surge um colosso. Entretanto, é inequivel que, se o aparecimento do genio independe de circunstancias, porque "o espirito sopra onde quer", a existencia de sedimentação cultural teria permitido a fixação dele no seu proprio ambiente. Embora diplomado em Milão, teria encontrado no seu proprio pais possibilidade de formação, criação e apresentação de suas operas. Ter-se-lhe tornado artisticamente brasileiro, e ter-se-lhe dado a integração do seu genio com as forças criadoras do pais.

Se a personalidade é, de certa forma, a liberdade, a autonomia contra os mecanismos de toda natureza, contra o já feito, o rotineiro e o tradicional, segue-se ser-lhe possível a evolução na medida da novidade que ela encontra. Uma vez esgotadas as possibilidades desta (na realidade, esgotada a capacidade de reação do artista) começa a decadencia. Carlos Gomes, apesar do triunfo inicial e definitivo do "Guarani", foi sempre um inquieto, um insatisfeito, á procura continua de novos rumos, de expressões diversas para os estados intimos de estetica que se sucediam no seu espirito. E sucumbiu sem realizar-se na totalidade do que lhe ia parecendo sucessivamente possível como criação.

Teria sido este um artista original? A reação contra os processos tornados habituais, contra a rotina do gosto do publico, podem caracterizar, como vimos, a presença da personalidade. Realizada esta como reação, teremos necessariamente o diferente, o original. E Carlos Gomes lança em pleno Scala uma turma de indios, um balado selvagem, desencadeia na refinada ambliencia, exigentissima, saturada de satisfação integral, as forças primarias do homem e da natureza, o conflito entre o occidente civilizado e o novo mundo misterioso e selvagem, entretecendo o drama com a ingenua poesia da juventude e dando-lhe o desfecho exigido pela teatralidade e pelo romantismo decadente. Não tardou entretanto a aperceber-se do fraco valor da originalidade em si, ou da originalidade parcial do assunto, na realização de um ou outro aspecto isolado. Sentiu residir o

Nasceu Carlos Gomes em Campinas, neste Estado, a 11 de julho de 1836. Seus primeiros estudos decorreram a principio praticamente sem qualquer substancia, essencial, referente à sua personalidade. Após a leitura de tais relatos, fica a impressão de que afinal ele passou por aqueles tramites a que estão sujeitos todos os que realizam algo grande no cenário do mundo. E' que, como todos os grandes homens, ele possui duas biografias: a exterior ou objetiva, concretizada nos episódios varios que entrecem as relações entre o individuo e a sociedade, e a subjetiva ou interior, em que se processa a formação da personalidade e a evolução artística e que, não obstante o conhecimento minucioso da primeira, permanece sempre obscura, misteriosa, oculta na zona do ser que cada um guarda para si, objeto das meditações solitárias, dos sonhos, das esperanças. Esta a verdadeira biografia dos homens, grandes ou pequenos, gloriosos ou humildes, triunfantes ou fracassados. Como se teria processado esta vida interior do artista? Tanto quanto se sabe, a consciencia de forte vocação e de intensa tendencia realizadora levou-o a lutar para realizar-se. E' tudo. Permanecem na penumbra a sua concepção de obra, a possível hesitação entre os varios generos, o problema da opera nacional e tantos outros aspectos tecnicos e artisticos que se revelam na evolução de todos os genios. Em

grande valor na tensão da força com que se impulsiona o poder criador. A historicidade ou o pitoresco do assunto nacional nada representam como valor intrínseco. Uma das mais robustas operas do grande Verdi é de assunto egípcio. O próprio Carlos Gomes declarou-se certa vez farto de bugres. O que importa, na realidade, é criar dentro das características essenciais da personalidade e do genero. Foi o que fez Carlos Gomes.

E' inegável não poder fugir o artista a um minimo de simpatia com o ambiente geral no qual vai viver a sua criação. Milão representava bem uma miniatura do mundo da opera e a consagração ali obtida correspondia a preferencias nitidamente formuladas. Por outro lado, o publico brasileiro, na epoca sentimentalizado pelo indianismo de Alencar e pelo movimento abolicionista, viu-se satisfeito na sensibilidade geral pela emoção que se desprende de certos acordes vigorosos (tanto que a abertura do Guarani foi dita ser um segundo Hino Nacional), e satisfeito tambem nos estímulos patrios, historicamente distantes e por isso mesmo mais evocativos e sentimentais. Já as outras operas encontraram menor repercussão. Será isso questão de brasileiroismo ou de opera? O nosso povo precisa realmente de opera?

Sua presença entre nós ocorreu em tempos não nacionalmente operísticos. O habito das temporadas estrangeiras anuais acentua o acidental, o episódico da função do teatro lirico no nosso publico. Ante tais circunstancias, um autor menor teria naufragado. Carlos Gomes triunfou. Daí a sua grande projecção. O seu merito não é relativo á pouca elevação do ambiente; é absoluto, e deriva da sua própria grandeza. Mas foi ainda nos parece, porque Carlos Gomes tudo criou. Deu ao seu povo uma grande opera, deu-lhe um grande autor, ofereceu-lhe alto modelo de espetáculo lirico-dramatico, criando assim uma attitudem critica referente á produção e não á beleza das vozes raras. E' preciso não esquecer que a projecção do Brasil no grande cenário da opera mundial, o grupo de operas oferecido pelo genial campineiro, a repercussão delas em nosso meio, os sucessos que envolvem a vida do autor e a sua obra, tudo isso é afinal de contas obra de um só homem. Nesse sentido ainda ele tudo criou. Como dissemos, não teve antecessores, isto é, de nada lhe serviram as obras porventura compostas anteriormente, foram-lhe inúteis os possiveis antecedentes historicos nesse campo. Nada tendo a contemplar no passado, não podia ter sido um retrospectivo. E para o Brasil de então, se não foi um homem do futuro, foi pelo menos aquele que, num impulso vigoroso,

conseguiu mover o gigante deitado no seu berço esplendido e inútil, atualizando-o de certo modo e fazendo-o haurir no solo patrio a seiva vital. 1916

Se muito soffreu o maestro, é certo ter sido glorificado em vida como poucos o foram. A satisfação que os homens podem dar, teve-a ele, bem como os espinhos e as feridas que só os homens sabem proporcionar. Não passou desaperecebido, como Bach na sua igreja, compondo na medida das necessidades quotidianas da execução. Criou segundo a sua inspiração e a natureza do seu genio e foi logo compreendido. Quantos triunfaram assim de maneira tão completa ao primeiro embate? "Venci, venci..." murmurava baixinho, sob os lençóis, após o grande triunfo. A explicação reside no seu valor como musico dramático, senso de "teatralidade", grandiosidade do plano e segurança da construção. 1916

*

Que pensar hoje de Carlos Gomes? Mais de um século decorreu desde o seu nascimento, e neste ano comemora-se o cinquentenario da sua morte. Que grau de actualidade e de vitalidade apresenta sua obra?

A resposta só pode ser tentada do ponto de vista nacional, restrito aos nossos interesses musicais. Pode ser considerado actual, porque não nos saturou. Sem antecessores, sem continuadores, é necessariamente unico, e o seu valor intrínseco o torna sempre apreciado. Não foi superado ainda e talvez não o venha a ser tão cedo. São imensas as forças criadoras do povo, a capacidade de realização, o poder imaginativo. Ha aí um potencial de energia praticamente inesgotavel, como Paulo Afonso e outros pretextos de ufanismo. Desse poder criador, Carlos Gomes foi a síntese. Absorveu as forças, e as realizou, deu-lhes forma socialmente utilizavel. No seu genero é realmente um musico representativo da nacionalidade. E' actual ainda porque permanecem virgens de outros pés os caminhos por ele abertos; porque não foi completamente descerrado o panorama que abriu com o elemento nacional (não simples nota pitoresca, mas síntese das aspirações e maneira de ser de um povo). Foi e continua sendo grande, porque transcendeu a media das habilidades humanas. Não tendo sabido ser o "homem economico", foi, visceralmente, o "homem estético". E foi generoso, porque nos deu aqueles bens, aquelas objectivações do espirito que constituem a cultura, e das quais podemos gozar em liberdade, em amor, amando e servindo á humanidade.